

Técnicos da Vigilância Epidemiológica visitarão escolas para alertar sobre a forma de transmissão da hantavirose. Moradores de São Sebastião temem que a cidade vire um foco da doença e reclamam da sujeira

Prevenção começa pela zona rural

ADRIANA BERNARDES

DA EQUIPE DO CORREIO

AVigilância Epidemiológica da Secretaria de Saúde do Distrito Federal vai reforçar o alerta sobre o contágio da doença e o que fazer para reduzir os riscos de infecção. O trabalho será feito por meio de uma comissão com representantes de vários setores do governo e vai começar pelas escolas das áreas rurais e na Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater). O grupo se reuniu na semana passada para traçar a estratégia de atuação que será estendida a todas as instituições de ensino. "A rede de saúde está atenta. Não seremos pegos de surpresa e, se for necessário, faremos campanha em massa para que a população fique informada e evite o contágio", afirmou a diretora da Vigilância Epidemiológica, Disney Antezana.

66
A REDE DE SAÚDE
ESTÁ ATENTA. NÃO
SEREMOS PEGOS
DE SURPRESA

Disney Antezana,
diretora da Vigilância
Epidemiológica

O alerta começará pela área rural porque é onde há o maior risco de se contrair a doença. Mas na cidade também é preciso tomar cuidado. O lixo deve ser colocado em sacos plásticos fechados a 1,5m de altura. O piso e os móveis devem ser limpos com pano úmido para evitar o excesso de poeira. Antes de varrer a casa, é recomendável abrir as janelas para entrar ventilação. Mexer em bichos mortos, só com luvas de borracha.

A possibilidade de ocorrer mais uma morte em São Sebastião revolta os moradores. Um comerciante, que pediu para não ter o nome divulgado, está preocupado com a repercussão negativa do caso para a cidade e, principalmente, com o preconceito. "No passado, muitos moradores perderam seus empregos ou foram humilhados. Empregadas domésticas do Lago Sul ou de condomínios de classe alta foram obrigadas pelos patrões a tomar

banho e trocar de roupa antes de começar a trabalhar", disse. "Há três anos, esta cidade virou um pandemônio. Ninguém sabia o que fazer. As farmácias viviam lotadas de gente querendo informação sobre a doença", completou um outro empresário, que também pede para ficar no anonimato por temer represálias.

Saneamento básico

Passados três anos do surto da doença no Distrito Federal, a cidade de São Sebastião, onde foi registrada a primeira morte por hantavirose, ainda sofre com a sujeira. Em 2004, o Ministério Público do DF investigou as mortes na cidade. Uma comissão de promotores fez visitas para conhecer as condições de salubridade em

que viviam os moradores e cobrou da Secretaria de Saúde ações de saneamento básico para acabar com os possíveis focos da doença.

A professora Ana Silvia Silva de Souza, 25 anos, diz que poucas coisas foram feitas. Ela conta que durante a noite as

pessoas tropeçam em ratos nas ruas. "Não é exagero ou figura de linguagem. São famílias de ratinhos por todo lado no centro da cidade", afirmou. O transmissor da hantavirose é um roedor (*Bolomys lasiurus*) que vive no cerrado e se alimenta de sementes, principalmente as do capim braquiária.

A diretora da escola onde o adolescente Maurício Teixeira da Costa estudava não descarta a possibilidade de fazer uma grande mobilização para informar a comunidade sobre como evitar a doença. "No passado, fizemos uma manifestação. Se for para evitar mortes, reuniremos os nossos professores e faremos mutirão de novo. Nas salas de aula, já falamos sobre essas doenças. Vamos alertar ainda mais os nossos alunos", disse a diretora Betânia Pinheiro.

A HANTAVIROSE

É uma infecção provocada pelo hantavírus, que se hospeda em roedores silvestres. Cada espécie transmite um tipo. Os classificados até hoje se dividem pela forma de ataque aos humanos.

NO BRASIL

Manifestam-se três tipos de vírus, associados ao habitat. E levam o nome da região onde apareceram pela primeira vez. São eles:

- O hantavírus Castelo dos Santos, que está ligado à floresta amazônica
- O Araraquara, ao cerrado
- E o Juquitiba, à Mata Atlântica



Na Eurásia, o vírus se instala nos rins.

Nos Estados Unidos e no Brasil, ataca os pulmões.

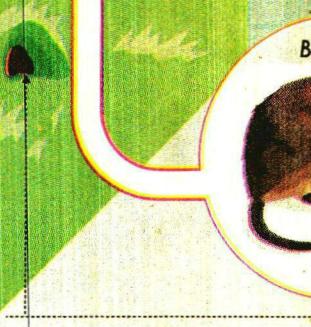
O TRANSMISSOR

O *Bolomys* é um roedor silvestre que vive no cerrado e se alimenta de sementes, principalmente as do capim braquiária. Um pouco maior que o camundongo, ele tem coloração parda e alguns pelos ferrugem, em especial, em forma de uma auréola ao redor dos olhos. A cauda é mais curta que a dos ratos domésticos e tem pelos.

O CONTÁGIO

1 Com o fim das chuvas, os roedores saem das tocas e percorrem com mais frequência o habitat natural. Com isso, o vírus circula na natureza, através de microgotículas de água contaminadas, e aumenta o risco de infecção.

2 Se houver atrativo nas casas, como lixo depositado de modo inadequado, os ratos podem entrar na moradia e depositar o vírus, presente nas fezes, urina e saliva.



O COMPORTAMENTO DO ROEDOR

Eles vivem nas matas, onde constróem galerias debaixo do solo. Só se aproximam das casas e depósitos em busca de alimentos. Depois, retornam para as matas. Buscam refúgio quando se sentem acuados, como em incêndios. Por isso, não é recomendável queimar o cerrado na tentativa de eliminá-los, porque buscam abrigo.

Fonte: Carlos Gropen - Consultor de saúde do Correio e professor da Faculdade de Medicina da UnB

5 Os sintomas são febre alta, dificuldade para respirar, dores musculares, dor de cabeça, tosse, dores nas costas e ânsia de vômito.

4 O vírus pode ficar de quatro a 42 dias em incubação, antes dos primeiros sintomas. No estágio inicial, a doença pode ser confundida com uma gripe ou pneumonia.

3 Depois de secas, as secreções se misturam à poeira, que contaminam os seres humanos através da respiração.

A LETALIDADE

Quando a doença avança, os alvéolos dos pulmões ficam encharcados de água. A doença pode levar à morte em até 48 horas. A evolução depende da rapidez no diagnóstico e da resistência do organismo do paciente.

O TRATAMENTO

Os médicos seguem um protocolo de atendimento, tanto na rede pública quanto particular. Os pacientes são submetidos a exames de sangue e raio-x do pulmão. Não existe remédio específico nem vacina. O tratamento é com remédios para combater os sintomas, como controlar a febre e a presença de líquido nos pulmões.

Surto há três anos

A ameaça da hantavirose surgiu no Distrito Federal há pouco mais de três anos. Em 22 de maio de 2004, morreu a estudante Denifer Quintanilha Utiwa, 17 anos, que morava no bairro João Cândido, em São Sebastião. A partir daí, um surto se es-

palhou pelo DF: 30 casos confirmados e 15 mortes ocorreram naquele ano. A região com mais contaminações foi São Sebastião, mas a doença chegou até o Paranoá, Gama, Ceilândia, Recanto das Emas, Sobradinho, Brazlândia, Planaltina, Guará e Plano Piloto.

Desde então, o brasiliense se acostumou a ouvir o nome da doença. Assustada, a população aprendeu a adotar

medidas preventivas para evitar o contágio da hantavirose. Depois das mortes, mutirões de limpeza, para recolher lixo e entulho e evitar a presença de roedores, passaram a ser feitos com mais frequência em todas as cidades, principalmente no período da seca, quando existe o maior risco de contágio.

Apesar da redução dos casos, o DF nunca se viu totalmente livre da hantavirose.

Em 2005, seis pessoas morreram por causa da doença. Naquele ano, os hospitais atenderam 15 pacientes contaminados pelo vírus, mas 12 evoluíram para a cura. Em 2006, ninguém morreu, mas sete pessoas contraíram a doença em várias cidades do DF. O crescimento desordenado das cidades, a invasão de espaços naturais e lixo acumulado são responsáveis pelos focos da doença.

MEMÓRIA

Rubens Paiva/CB - 24/4/05